

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Ana Sara Oliveira Zacarias

O QUE SABEM AS MÃOS

Uma educação bordada na presença

Rio de Janeiro
2025



Ana Sara Oliveira Zacarias

O QUE SABEM AS MÃOS
Uma educação bordada na presença

Memorial de Percurso - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Janaína Laport Bêta

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Z13 Zacarias, Ana Sara Oliveira
O que sabem as mãos : uma educação bordada na presença / Ana Sara Oliveira Zacarias. – Rio de Janeiro, 2025.

27 f.

Memorial de Percurso apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Janaína Laport Bêta.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Bordado. 3. Poética. 4. Caderno de artista. I. Bêta, Janaína Laport. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Ana Sara Oliveira Zacarias

O QUE SABEM AS MÃOS
Uma educação bordada na presença

Memorial de Percurso - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em 30 de agosto de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Doutora Janaína Laport Bêta (Orientadora)
Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais Departamento de Artes Visuais
Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

Profª Mestre Maria Lia Gautério Conde Pinto
Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais Departamento de Artes Visuais
Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

Profª Mestre Juliana Zarur de Andrade Silva
Departamento de Artes Visuais
Colégio Pedro II (DAV / CPII)

Rio de Janeiro
2025

Àquele que pôs em mim o anseio pelo criar

AGRADECIMENTOS

Depois de incontáveis horas dedicadas a uma criação, quando finalmente a vejo existir de forma concreta, deixando de ser apenas uma ideia nebulosa, surge no fundo dos meus sentimentos algo próximo ao egocentrismo. Ele me sussurra que sou responsável por aquela obra — o que, em parte, é verdade. Mas atribuir a mim todo o mérito por dar existência a algo seria, no mínimo, ingenuidade. Este memorial, este caderno de artista, só existem graças às pessoas que pavimentaram o caminho por onde sigo, àquelas que tenho o privilégio de encontrar nas curvas e às que caminham comigo desde os primeiros passos.

Agradeço, primeiramente, Àquele que colocou neste corpo efêmero o desejo pela eternidade e compartilhou comigo o Seu amor pela criação.

À minha família, que, mesmo sem compreender totalmente o que faço, me apoia simplesmente por eu ser quem sou, sem esperar nada em troca. Saber o quanto vocês acreditam em mim tem me sustentado quando minha confiança vacila.

Aos professores da especialização, por me oferecerem outras perspectivas nos momentos em que as dúvidas do início da docência me fizeram questionar este caminho. Suas aulas me lembraram do encanto que existe nas brechas de uma educação sustentada pelo afeto.

Aos meus colegas e amigos de profissão, por compartilharem e dividirem comigo as alegrias e desalentos do ser docente.

E, por fim, à minha orientadora, Janaína: se este escrito existe, é por causa de sua orientação. Quando a ansiedade e o sentimento de insuficiência tomaram conta de mim, nossas conversas me permitiram seguir, mesmo quando eu não enxergava um palmo à frente — e, no fim, chegamos até aqui.

Enfim, este trabalho não existe por minha causa, pois nunca estive só. E sou profundamente grata por isso.

O interesse do artista é a única limitação imposta ao uso do material, e essa limitação não é restritiva. Apenas afirma um traço que é inerente ao trabalho do artista: A necessidade de sinceridade - a necessidade de ele não fingir nem fazer concessões.

John Dewey (2010)

RESUMO

ZACARIAS, Ana Sara Oliveira. **O que sabem as mãos: Uma educação bordada na presença**. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Matemática, Rio de Janeiro, 2025.

Este memorial de percurso relata uma trajetória de criação e formação que entrelaça vivências pessoais, investigações poéticas, experiências docentes a partir do fio do bordado. Dividido em seis partes - Nó invisível, Correntes, Nó Cego, Ponto Haste, Averso e Um ponto atrás - o texto traça uma narrativa afetiva e crítica sobre o bordado como desencadeador de um ato criador que se manifesta na prática artística e pedagógica. O relato parte de uma ausência. Ao contrário de muitas histórias que relatam o primeiro contato com o bordado pela transmissão do saber de ancestrais, as descobertas da autora vem das redes sociais. Um encontro solitário, mas herdeiro de uma longa tradição marginalizada e associada ao espaço doméstico por seu vínculo com o fazer feminino. Ao mesmo tempo em que discute heranças históricas, o texto reivindica o potencial conceitual e disruptivo do bordado. Na experiência de sala de aula, este memorial apresenta o bordado como um desencadeador de encanto e vulnerabilidade, atravessando o tempo escolar e convocando à presença. Bordar em sala de aula é entendido como um gesto pedagógico sensível, em que estudantes atravessam medos e inseguranças para se reconhecerem como criadores. Por fim, o memorial reflete sobre o averso — esse lugar de bastidores, de caminhos tortos, nós, repetições e tropeços — como parte fundamental do processo criativo, inerente a todos os aspectos do existir. É no “ponto atrás”, que retorna para depois seguir, que a autora compreende o bordado como gesto de escuta, de memória e de reconexão com o próprio fazer. O trabalho afirma que o ato de bordar se basta em sua potência de existir — e é no fio que desliza, tensiona e perfura que se inscrevem a arte, a história e o ensino.

Palavras-chave: artes visuais; bordado; poética; caderno de artista; ensino.

ABSTRACT

ZACARIAS, Ana Sara Oliveira. **O que sabem as mãos: Uma educação bordada na presença.** 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Matemática, Rio de Janeiro, 2025.

This memoir chronicles a journey of creation and development that intertwines personal experiences, poetic investigations, and teaching experiences using the embroidery thread. Divided into six parts—Invisible Knot, Chains, Blind Knot, Haste Stitch, Reverse Stitch, and One Stitch Behind—the text traces an affective and critical narrative about embroidery as a trigger for a creative act that manifests itself in artistic and pedagogical practice. The account begins with an absence. Unlike many stories that recount the first encounter with embroidery through the transmission of ancestral knowledge, the author's discoveries come from social media. A solitary encounter, yet heir to a long tradition marginalized and associated with the domestic space due to its link with female craftsmanship. While discussing historical legacies, the text reclaims the conceptual and disruptive potential of embroidery. In the classroom experience, this memoir presents embroidery as a trigger for enchantment and vulnerability, spanning school time and summoning presence. Embroidery in the classroom is understood as a sensitive pedagogical gesture, in which students overcome fears and insecurities to recognize themselves as creators. Finally, the memorial reflects on the reverse—this place of backstage, of crooked paths, knots, repetitions, and stumbles—as a fundamental part of the creative process, inherent to all aspects of existence. It is in the "backstitch," which returns and then continues, that the author understands embroidery as a gesture of listening, memory, and reconnection with the process itself. The work affirms that the act of embroidery is self-sufficient in its power to exist—and it is in the thread that slides, tensions, and pierces that art, history, and teaching are inscribed.

Keywords: visual arts; embroidery; poetics; artist's book; education.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL DE PERCURSO.....	10
1.2 NÓ INVISÍVEL.....	10
1.3 CORRENTES.....	12
1.3.2 Teia - Pequeno apêndice sobre a história do bordado.....	13
1.4 NÓ CEGO.....	16
1.5 PONTO HASTE.....	19
1.6 AVESSO.....	22
1.7 UM PONTO ATRÁS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 MEMORIAL DE PERCURSO

1.2 Nó invisível

Novelos se desfazendo pelo chão, agulhas nos lugares mais inesperados, tecidos riscados por todos os lados. Assim era a casa de minha avó. Aos seus pés aprendi que o segredo para vencer a guerra entre a ponta da linha e o buraco da agulha era um pouquinho de saliva. Em sua voz calma e baixa me contou histórias que ouviu de sua mãe: “Sara, as mulheres da nossa família foram unidas por um fio que nos atravessa e agora é a sua vez de levar este fio adiante”. Assim eu poderia começar este texto, mas se o fizesse estaria mentindo. O bordado chegou a mim. Mas não através das mulheres da minha família, não fui gestada bordadeira no casulo de criação de minhas avós. Meu encontro com a poesia desse fazer seguiu caminho outro, fui encontrada pelo fio não no aconchego do que me era familiar, mas sim, nas redes; percurso recorrente em meu tempo histórico.

Nó invisível é um ponto solitário, ele não é antecedido nem sucedido por pontos similares. Na verdade ele é o próprio início, o começo de uma história que será tramada, porém como seu nome diz ele faz isso da maneira mais imperceptível possível. É necessário muita atenção e proximidade para que assim, talvez, sua presença seja notada. Porém, é nesse ponto que tudo o que será feito adiante se sustentará, ele permitirá que o construído não seja desfeito. O bordado chegou a mim e sem pretensão se fez matéria aos meus olhos e deu início ao que em mim é o mais importante, e que aos poucos vai constituindo quem sou: o ato criador. O nó era invisível, não o percebi, mas foi ele quem possibilitou o início e sustenta a narrativa que aqui iniciamos.

Um jaleco longo de mangas cumpridas, branco e de um algodão espesso. Essa era a vestimenta que todos os (as) alunos (as) que entravam no Instituto Federal recebiam em seu primeiro dia. Os (as) estudantes se deslocavam para o laboratórios e era como um imenso tecido sem cor a desenrolar-se pelos corredores. Para mim aquele algodão grosso parecia uma tela em branco clamando para ser modificado, marcado. Aos 15 anos eu não me enxergava como alguém capaz de criar, então copieei o risco de um tatuador que trabalha com figuras geométricas, mas depois fiquei na dúvida de

como prosseguir, como transpor o desenho para o tecido? Só tinha meu lápis e canetas comuns... Eles não me ofereciam a permanência que eu buscava, então me veio à memória o potinho com linhas e agulhas para remendar pequenos rasgos que tínhamos em casa. E se eu desenhasse com linhas e agulha? "Uma descobridora", pensei acerca de mim mesma, inventora de caminhos; sem saber que na verdade nada havia descoberto. Aquele desenhar com linhas e agulhas, também conhecido como bordado, é que havia me achado. Aquele que um dia foi um jaleco branco se tornou registro do processo de me entender como alguém capaz de materializar ideias. Um nó invisível a "desatar" meu processo criativo. Não só abriu caminhos, mas se tornou o próprio caminho a ser trilhado por meu desejo de criar.

Figura 1 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

O bordado veio a mim porque eu buscava a permanência, uma marca que não fosse facilmente apagada. Mas ele me apresentou outra face, o não controle. A princípio me parecia ser eu a escolher usar linha e agulha. A decidir sobre o risco, ou como fazer para que aquela linha ficasse presa ao tecido branco. Pensava estar no domínio do processo. Logo percebi que se assim fosse, nada me escaparia, e todos os caminhos do bordar criados por minhas mãos seguiriam sob meu controle e ciência. Estaria mentindo para mim mesma se me iludisse com essa ideia de poder absoluto sobre este fazer. O que começou com um desenhar com linhas entrelaçadas à trama do tecido se tornou algo que me excede. Na verdade não se tornou, já era imenso, muito maior que eu.

Admito que o bordado me escapa, o que começou com um nó invisível ainda não encontrou seu ponto de arremate.

1.3 Correntes

Como iniciar? Que agulha escolher? Qual é a diferença entre a linha de novelo e a meada? Como puxar uma linha da meada sem formar um grande nó? Qual é o melhor tecido? Um com a trama aberta ou mais fechada? Como lidar com a tensão do tecido? Como passar o traço para o tecido? Havia em minha cabeça uma nuvem de dúvidas. Junto ao convite ao criar veio a necessidade de desenvolver a habilidade de fazer, conquistar esse saber das mãos. O desenho com linha e agulha no jaleco me levou a conhecer o bordado, descobrir que se tratava de uma técnica chamada “livre”, bordado livre. Eu queria conhecer mais, eu queria saber fazer, mesmo que depois esse saber fosse por mim desfigurado e se tornasse outra coisa. Mas para modificar eu precisava ter uma base a qual alterar.

Onde procurar as informações pelas quais eu ansiava? Não havia perto de mim alguém que pudesse me passar esse conhecimento. Então, na barra de pesquisa do *Google* derramei minhas dúvidas e foi assim que conheci o *Clube do Bordado*¹. Um empreendimento criativo que tem como principal objetivo valorizar e promover a cultura do feito à mão. Vanessa, Laís, Renata e Marina, as mulheres que estão à frente dessa iniciativa, foram minhas guias nessa jornada de me enredar no bordado. Com seus vídeos no *YouTube* minhas dúvidas acharam um espaço para serem acrescidas conforme algumas eram solucionadas.

Na graduação tive contato com algumas discussões acerca do bordar, ouvia e lia relatos de artistas falando sobre como o bordado vinha de um lugar de afeto atrelado às mulheres de sua família. Porém, quando eu olhava para mim e minha relação com esse saber eu não conseguia enxergar esse lugar do ser afetado, aos meus olhos parecia algo impessoal, ora eu aprendi na internet e não sentada aos pés de minha avó. Inicialmente

¹ Disponível em:

https://oclubedobordado.com.br/?gad_source=1&gad_campaignid=10373892676&gbraid=0AAACU52mC8Zacs622531f1TzuLIIdBE&gclid=CjwKCAjw6s7CBhACEiwAuHQckh-7QgJteA0ubMcPwt7vvPQz0sU00dX8QEowqnZ6xySmDnArtN3-qhoCLlcQAvD_BwE. Acesso em: 01 jul. 2025.

isso me trazia uma sensação de desconexão, como se eu não pertencesse a essa história milenar. Com o tempo, percebi que conexão, assim como os fios de uma meada, nunca é única. Existem muitas formas de se conectar a algo. Minha conexão não surgiu da tradição em si, mas de um reinventar dessa tradição, encontrando nas redes um novo modo de transmissão e continuidade.

1.3.2 Teia - Pequeno apêndice sobre a história do bordado

Bordados e tecidos, os fios naturais são materiais suscetíveis à passagem do tempo que, conforme passa, leva consigo o máximo que consegue abarcar. O fio não é isento ao efeito do tempo. Mas sabemos que nele se mantém. Não há registros de uma data precisa a se atribuir ao primeiro bordado. Contudo, sabemos que há séculos interferir em tecidos com linha e agulha faz parte da história humana (Souza, 2019).

Corrente. Trazer o ponto corrente para nomear a seção neste memorial de percurso que trata da história do bordado me parece apropriado, posto que para que o ponto tenha continuidade ele precisa se ancorar no anterior. Inegavelmente um aspecto que grita ao olharmos para a história do bordado é a noção de continuidade. Algo que se mantém tão presente entre os fazeres humanos através dos tempos por sua existência compartilhada, um saber que se reparte. Aqui uma questão se borda para nós: o que se sustenta em ancoragem ao passado para existir, está irremediavelmente preso às suas tradições?

Os primeiros registros desse fazer remontam ao universo feminino e como tudo que está a ele relacionado, o bordado foi tido por muito tempo como algo menor, não merecedor de dividir um espaço de visibilidade e relevância da Arte (Souza, 2019). Por sua forte relação com o gênero feminino o bordado foi restrito ao ambiente privado, já que aquilo que era público estava sob a responsabilidade dos homens.

O que deve saber, o que deve desempenhar uma mulher? Reduzida aos limites do lar, as “artes domésticas” eram uma forma de reforçar o espaço, a fronteira que deveria ocupar (Souza, 2019). O saber das mãos gestou o pensar acerca do feminino. E o que era confinado, restrito ao privado, ultrapassou os limites espaciais que lhe eram impostos e atravessou os tempos.

Figura 2 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

Um mecanismo que permitiu esse atravessamento é a memória, tendo a pensar nela como narrativa construída para nos aproximarmos de um passado inalcançável em sua integridade. Como construção, ela, a memória, possui furos que nos fazem perder um pouco da história que nos constitui como quem somos.. Na verdade, em uma escrita sobre o têxtil creio que a melhor analogia seja a rede, a teia. É fascinante a estrutura de uma teia, possui um centro de onde tudo se inicia, depois os fios se projetam para fora, como linhas radiais. Fios-guia para a aranha. Estrutura, sustentação ao que está sendo construído. Ligando estes fios há a espiral de captura, que, passando por cima e por baixo, vão unindo as linhas radiais. A memória é essa rede, formada por várias teias, que vai se expandindo conforme somos levados para o passado e, nesse processo, construímos uma nova narrativa. Às vezes sou retida pelo fio grudento da espiral de captura, perdendo de perspectiva a grandeza dessa rede. Fixada em um lugar passo a achar que somente aquela fresta é o que há.

A teia, que à primeira vista parece fraca, por razão de sua fina espessura e leveza, é na verdade um material super resistente, aguentando uma força que a queira arrebentar. Por sua elasticidade absorve o impacto de insetos que são capturados em pleno voo. De forma similar, a memória às vezes me parece extremamente frágil, esquecemos momentos, coisas, pessoas - com frequência que assusta. Mas na verdade o instante de esquecimento é somente um ponto em que somos capturados pelos fios

grudentos. Por mais que percamos de perspectivas o todo em suas complexidades e ligações, há momentos breves em que nos sentimos puxados dos fios e ao mesmo tempo em que estamos na rede estamos fora dela. E o ato de bordar é para mim um disparador para esses instantes.

O que a princípio parecia uma desconexão a uma história de afeto, no ato de entrelaçar a linha às tramas do tecido dou continuidade a algo que não começou em mim, mas que me atravessou. Algo passado por mulheres de geração em geração chega a mim, não pelo caminho óbvio, mas através da rede e se fez teia, que não segue um caminho linear. Eu, feito aranha vou tecendo conexões, nós que se interligam em processo de expansão.

Figura 3 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

1.4 Nó cego

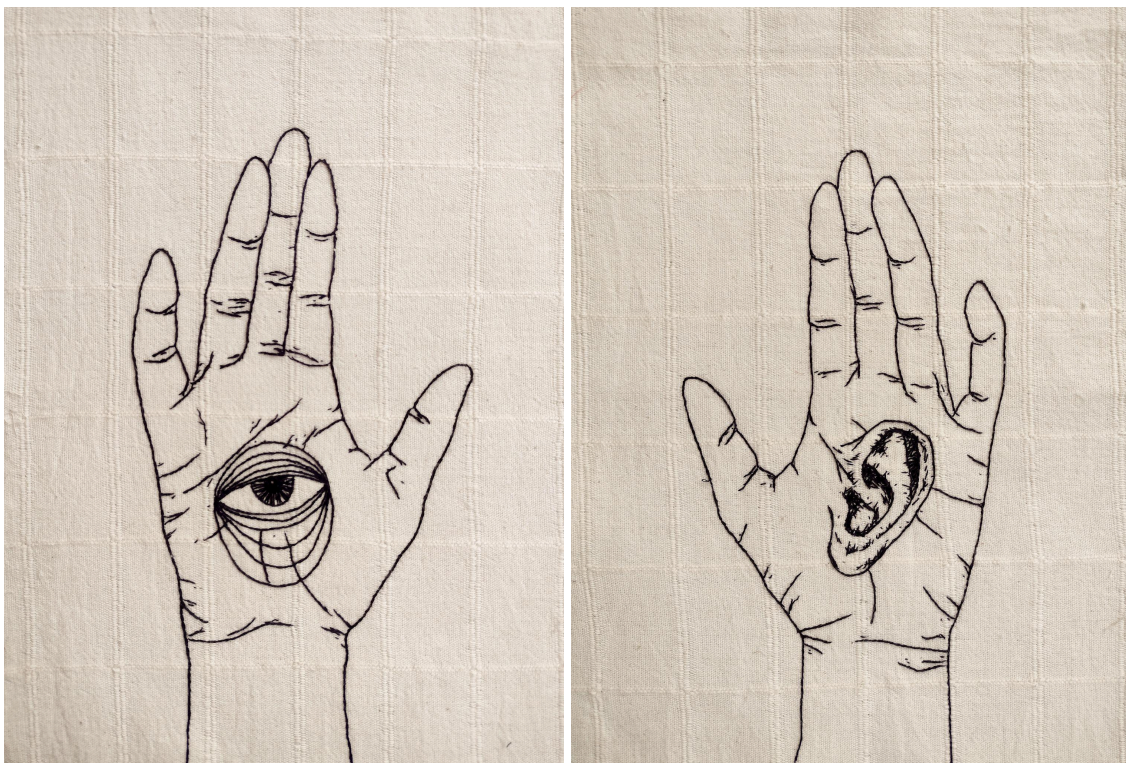
O bordado chegou a mim, mas por certo tempo eu o neguei. Não me foi dito que se tratava de uma arte menor ou que a ele não poderia ser dado um lugar de valor na artes, pois era um fazer feminino, do espaço doméstico. Somente anos depois tive contato com discussões que questionavam o lugar ao qual era limitado esse saber e só assim pude tomar ciência dessa demarcação. Porém, como um nó escorregadio que surge sem que percebamos — e que obriga uma pausa no bordado para ser desfeito, com a calma de uma ponta de agulha, antes que a criação possa prosseguir — a aflição de pensar estar me perdendo em algo menos importante me abateu, e esse nó me parecia impossível de desfazer.

Linhas e agulhas pela casa, tecido dividindo espaço com o estojo e caderno na carteira da sala de aula, tentativa de acertar o ponto no sacolejar do ônibus... Qualquer fresta de tempo que eu tinha era atada pelo fio. O mundo do bordado me capturou. Todo o recurso que eu possuía era voltado para esse novo universo que me impelia a desbravá-lo a ponto de toda minha energia de criação ser para ele direcionado. E nesse processo a pintura foi deixada de lado. Na mesma época que o bordado me encontrou também fui atraída pelo pincel e pela tinta. A pintura teve um importante papel no processo de me entender como alguém capaz de criar; foi através dela que fui reconhecida por pessoas do meu convívio como ‘artista’. Palavra que designa condição da qual demorei a me apropriar. Contudo, ao mergulhar no emaranhado dos fios, fui perdendo a força condutora que me guiava a me expressar pelo pintar. Isso me conduziu a uma das minhas primeiras crises enquanto criadora. Se pintar eu já não mais conseguia, o que eu era? Tinha deixado de ser artista? E se artista eu não fosse como poderia nomear o que estava me tornando?

Sem ter exata consciência eu havia me deixado capturar por uma tradição artística hierárquica que teve seu início no fim do século XIX, na Europa. A esse legado eu apresentava o completo desconhecimento, mas pela trama da história esse fio foi se enredando e a mim não foi oferecido o privilégio de ser poupada de ser por ele alcançada. Simioni (2020) escreve no catálogo da exposição *Transbordar: Transgressões no bordado*, (da qual foi curadora), que essa tradição começa a tomar força no Renascimento. Até então ourives, pintores de parede, entalhadores, bordadores,

entre outros ofícios, não estavam apartados dos pintores, arquitetos e escultores. Porém, com a busca da elevação social do indivíduo artista, os últimos três passaram a ser lidos como mais importantes que os demais por terem sua criação baseada no desenho, entendido como algo gerado na mente e apenas materializado pelas mãos. Assim os outros modos de criação foram preteridos, por serem entendidos como não intelectuais, puramente manuais. E o que sabem as mãos? Para esse mercado de status que ia surgindo, nada.

Figuras 4 e 5 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

Voltemos então ao século XXI, ano de 2021, pandemia de Covid-19, o começo do retorno às ruas. A ânsia por respirar novos ares me levou ao Centro Cultural do Banco do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Era o mesmo lugar que eu conhecia de cor, mas ao mesmo tempo não o era. As poucas pessoas que pude ver, não pude enxergar seus rostos. Sem expressões parecíamos estar em pequenas bolhas. Nesse lugar me senti só. Eu estava ressentida com o bordado que “roubava” meu lugar de artista, porém naquele isolamento pude me reconciliar com as linhas que tinham me enredado.

Faz parte do meu ritual no CCBB parar no centro do espaço onde a luz atravessa uma cúpula de vidro e olhar para cima. Nesse dia havia linhas brancas por todos os

lados, aos meus olhos formavam uma rede que parecia levitar. Em uma intrincada dança, cada fio ia se enlaçando a outro e a outro, atando meu olhar. Foi pela instalação *Além da memória* que conheci Chiharu Shiota. A artista, nascida em Osaka, estudou pintura na universidade, mas logo percebeu que a pintura não a continha, existia nela um anseio que transbordava as bordas da tela. Em *Tornando-se pintura*, sua primeira performance, Chiharu, vestida de branco, tem em si derramado o vermelho, tornando-se a matéria de sua produção artística. “Eu, meu eu, minha emoção e o material fazem parte do ritual de criar arte” (Shiota, 2017, p.10, tradução própria). A tinta era tóxica, sua pele queimava, seu cabelo teve que ser cortado, e os resquícios da pigmentação marcaram o início do seu corpo como materialização de sua criação por meses.

Suas performances e instalações me apanharam, a matéria era importante, mas não era o central, ela partia de si, de suas perspectivas subjetivas e de suas experiências. Tempos depois comecei a refletir sobre o que carregava o material que é usado para materializar a criação, não há nele neutralidade. Mas naquele instante, em que eu estava diante de suas tramas, Chiharu Shiota sussurrava que antes da matéria existe a necessidade de ser vulnerável ao que se anseia. E se naquele momento o anseio me levasse às linhas, era para onde eu iria mesmo que os nós teimassem em surgir no caminho.

O interesse do artista é a única limitação imposta ao uso do material, e essa limitação não é restritiva. Apenas afirma um traço que é inerente ao trabalho do artista: A necessidade de sinceridade - a necessidade de ele não fingir nem fazer concessões (Dewey, 2010, p.343).

Figura 6 - Obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

1.5 Ponto haste

Para haver bordado é necessário haver perfurações, não é possível bordar sem a trama do tecido ferir. O caminho que é aberto deixa marcas, porém há formas de encobrir seus rastros e uma delas é o ponto haste. Ao olhar pouco atento e distante este ponto parece contínuo, imperceptível, posto que, o encontro da agulha com o tecido desvanece e parece que a linha está simplesmente repousando sobre o tecido. Porém, um olhar atento, presente, é capaz de perceber o caminho do fio, que com a agulha volta à metade do ponto anterior para ir adiante, de forma que o início e fim de cada ponto se entrelaça com o que vem anteriormente e adiante. Deixar visível os caminhos tramados em feridas, estar próximo, estar presente no discurso que se profere, este é o ponto que o bordado tem tramado em mim enquanto professora.

Entrar em sala de aula pela primeira vez como docente foi dilacerador. Partiu a imagem que eu tinha criado do ambiente escolar, partiu a imagem que eu tinha do ser

professora, me partiu. Nos dias após essa experiência foi me parecendo tentador sucumbir ao fascínio de um conhecimento objetivo e neutro, quem estaria diante daqueles e daquelas estudantes não seria eu, mas sim o conhecimento do sujeito universal. Eu estaria protegida por um ponto contínuo. Mas assim como não há bordado sem perfuração, um discurso sem significação humana não se sustenta, é apenas uma linha apoiada em um tecido que qualquer vento pode levar. “O discurso da escola ficou, progressivamente, como algo solto no ar, que não se liga, pelo desejo, nem aos que fazem de conta que ensinam, nem aos que fazem de conta que aprendem. Ninguém fala” (Alves, 1986, p. 23).

Como seria possível haver uma aula de artes em que sujeitos não estivessem presentes? Como haver um ambiente de aprendizagem sem afeto? Como um discurso morto poderia alguém acordar? “A um discurso que não é uma expressão de amor falta o poder mágico de acordar os que dormem, falta o poder mágico para criar.” (Alves, 1986, p. 24). Traria a mim imensa alegria poder dizer que se vestir de um discurso que é uma “expressão de amor” é um caminho tranquilo e prazeroso. Mas esse é o ponto, não é um discurso que se pode vestir, é um discurso que parte do que se é, e se colocar exposto dessa forma diante de outros é deixar que a descontinuidade, a trama aberta, sejam vistas.

Figura 7 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

O discurso de um corpo presente tem esse poder mágico que faz com que aqueles que antes dormiam voltem a criar. Na Educação Básica tenho vivenciado o

bordado como disparador de saída desse lugar da sonolência. “A arte como exceção é aquilo que fura a normalidade, que fura o hábito, nos desloca, nos surpreende, gera estranhamento” (Barbieri, 2021, p.21). O ensino, o fazer artístico são momentos de suspensão, em que o que está posto perde a força e outras tramas passam a ser criadas, expandindo, rompendo, sobrepondo o que se tinha como seguro.

- Eu não sei fazer, tenho medo de me furar.
- Ih, se minha mãe soubesse... Ela nunca me deixou usar agulha.
- Como coloco a linha na agulha?
- Minha linha embolou tudo.
- Isso está muito difícil, vou desistir.
- Ah! Acho que agora eu entendi.
- Terminei o meu, posso te ajudar.
- Quando a gente borda, parece que o tempo fica mais devagar, né?
- Turma, a aula está terminando, me entreguem os bordados que semana que vem continuamos.
- Posso levar para casa? Quero terminar logo.
- Professora, lá em casa minha vó borda também, posso levar meu bordado para mostrar à ela?

Não sei como explicar com palavras o que acontece quando o bordado entra em sala, assim como não sei dar razões lógicas para a sua chegada em mim, mas o que sei é que ele encontra espaço e fura e abre caminhos no que parecia impermeável. Me encanta experienciar meus (minhas) estudantes passando por um processo de autoria que passa pela expectativa, insegurança, medo do desconhecido, que coabitam com o anseio de aprender algo novo, pela frustração de não conseguir de primeira, pela satisfação de ter conseguido fazer o primeiro ponto e pela vontade de compartilhar o que aprenderam. No fim percebo que não é sobre aprender uma técnica nova, mas sim sobre poder se ver como alguém capaz de criar. É sobre estar em um ambiente onde é possível deixar visível as feridas que o caminhar faz, é poder dizer “não sei” e ser ajudado, não julgado. É sobre poder falar e ser ouvido.

1.6 Averso

Figura 8 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

AUSÊNCIA. AICNÊSUA. PRESENÇA. AÇNESERP. O avesso nos chama para os bastidores e nos sussurra segredos. Não se trata de um não lugar, de uma não palavra, mas sim de uma outra forma de estar presente. O avesso não é uma consequência da criação da frente, mas sim razão de sua existência. Entre os nós e os fios que se cruzam entre si e a trama, o avesso sustenta o que na frente se apresenta, entretanto seria reducionista sintetizá-lo a esta função. No percorrer da agulha e linha em que o bordado se torna matéria há no avesso o nascimento de uma criação que surge do caminhar. Caminhar esse que não é feito de um passo após outro em um roteiro delimitado, não, esse não é o caminhar do avesso. No avesso, no apreço do passo os pés se cruzam nos fazendo cair, às vezes o passo é tão curto que quase não se faz perceber, outra vezes ele é um salto digno de um atleta; às vezes ele vai direto toda vida, mas às vezes ele para e dá uma meia volta sem avisar, porque esqueceu algo no percurso. No início pacato, que se torna cambaleante e trôpego, o avesso se cria sem o domínio de meu pensamento e me conta sobre a beleza do não controle.

“Ode ao avesso”, esse poderia ser um outro nome para esta parte ou até mesmo para este memorial. O que está aqui escrito não é a razão pela qual o bordado me é caro, é na verdade o que dele nasce. Ao bordar foi se criando em mim um avesso, pois sem ele o fio na trama do tecido não se prenderia, mas por muito tempo estive alheia à sua existência, resumindo-o a essa função. As palavras aqui presentes aparecem quando viro

o bastidor e contemplo o que atrás há, e ao ter consciência de sua existência o caminhar do fio me sussurra seus segredos.

Na série documental Inspira.mov Brasil há um episódio com Sonia Gomes em que ela diz “Esse é o meu processo, porque tem artista que parte de uma ideia e vai construir o trabalho dele. [...] O meu processo não é esse — é o material que vai me falar o que ele quer ser. [...]” (Inspira. Mov Brasil com Sonia Gomes - 3a. Temporada, 2022, 9 min 26 seg). Seu trabalho me encanta e ouvir ela falando sobre seu processo me marcou. Desde que comecei a me interessar pelo do processo de criação ouvia pessoas falando sobre como a obra vai se criando no fluxo, pois por mais que se faça um rascunho e se tenha em mente o que quer que ela se torne, no fim, se fores sensíveis ao que ela diz, a criação toma outras vias. Por mais bela que eu ache esta forma de ver a criação e acredite na primazia do processo, não é assim que acontece comigo, ou acontecia. Ao ter uma inspiração, em minha mente traço inúmeros caminhos acerca dos modos para torná-la real e quando decido por um, no restante do processo não aparecem muitos percalços. Claro que alguns aspectos são alterados, mas dificilmente o bastante para se distanciar do que tinha sido planejado. Entretanto no processo deste Caderno de artista pude vivenciar uma outra forma de criação.

Uma das propostas para o Caderno é que ele fosse construído a partir do percurso do Curso. Como poderia planejar partindo de algo que nem mesmo aconteceu? Teria que deixar de lado o que me é caro, a ilusão de domínio. Queria dizer que fiquei em paz neste processo, que pouco a pouco o Caderno foi se desvelando, porém, na verdade foi um processo angustiante. Tracei caminhos, realizei alguns deles, porém nada parecia se alinhar, a questão era: Se alinhar a quê? Não havia uma ideia inicial que somente precisasse ser materializada, seria necessário deixar o material me falar o que ele queria ser, e ao parar e olhar o avesso do bordado ele me falou.

Figura 9 - Obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

Quando comecei a usar bastidores - estrutura que traciona o tecido - senti a necessidade de proteger o avesso, porém não queria o ocultar. Ver através, era o que se fazia necessário, e o *voil*, tecido leve e translúcido, correspondia a essa busca. Expor, velar, descobrir, encobrir, dar a ver, resguardar - ao olhar o avesso ele me desvelou o tensionamento que há no bordar.

Figura 10 - Detalhe da obra *O que sabem as mãos*



Fonte: Sara Zacarias, 2025.

1.7 Um ponto atrás

Uma meada é feita de seis fios, uma das primeiras coisas que aprendi ao começar a bordar é que puxar um de seus fios não é tão simples quanto pode parecer, ao puxá-lo corre-se o risco de um grande nó formar., no entanto quando se entende a forma de a dividir, o fio parece simplesmente deslizar pelos dedos. Este é o último fio dessa meada. Honestamente não sei como este fio não foi perdido nos muitos nós que apareceram no caminho. Mas em meio aos nós e às perfurações o trilhar do fio me trouxe aqui.

Voltar para ir adiante. Existe um ponto chamado “atrás”, ele parece uma linha contínua, porém em seu processo a agulha leva o fio para trás da saída anterior a fim de ir à frente. Escrever este memorial foi um processo de investigação de um fazer que me é caro. A princípio não sabia de onde partir, mas como disse Sonia Gomes em *Inspira.Mov[...]* (2022), era necessário ouvir o material - e as linhas falaram. O caminho não estava fora do fazer, não era necessário dele me distanciar, mas sim seguir o fio, mesmo que às vezes ele me levasse de volta a lugares e momentos que o controle não pudesse estar presente.

O entendimento da suficiência do fazer era algo que me faltava, apesar de acreditar que há nas mãos saberes, sentia a necessidade de buscar algo externo a ele para justificar a sua existência. Mas no processo de construção deste caderno pude me dar

conta: o fazer se basta, e se ousarmos dar um ponto atrás poderemos ouvir os segredos que as linhas querem nos confidenciar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Perdizes: Cortez Editora, 1986.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: ed. Jujuba Editora, 2021

DEWEY, John. **Arte Como Experiência**. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2010.

INSPIRA.MOV Brasil com Sonia Gomes: 3. temporada . Direção: Kenya Zanatta. Produção: Fernando Dias, Mauricio Dias e Tatiana Battaglia. São Paulo: Grifa Filmes, 2022. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Inspira.Mov. Disponível em: <https://youtu.be/7BT2LZuSwCs?si=Z0xAAaL8V4ET2Upm>. Acesso em 01 jul. 2025.

SHIOTA, Chiharu. **Unter der Haut/Under the Skin**. Berlin: Hatje Cantz Verlag, 2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti (Cur.). **Transbordar: Transgressões do bordado na arte**. São Paulo: Sesc, 2020.

SOUZA, Juliana Padilha de. **Tramas invisíveis: Bordado e a Memória do Feminino no Processo Criativo**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019.